

A CONSCIÊNCIA COMO MEIO EMANCIPADOR DA FIGURA FEMININA: O EXISTENCIALISMO NOS CONTOS “AMOR”, “A IMITAÇÃO DA ROSA” E “OS LAÇOS DE FAMÍLIA”, DE CLARICE LISPECTOR

Gabriela Rodrigues dos Santos¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo investigar a representação feminina, o lugar ocupado pela mulher na sociedade e como o acesso à consciência de sua condição de “ser no mundo” atua de maneira significativa para sua emancipação. Para isso, o *corpus* de análise serão os contos “Amor”, “A imitação da rosa” e “Os laços de família”, integrantes da obra *Laços de Família*, de Clarice Lispector. A análise proposta se embasa tanto em conceitos da Teoria da Literatura quanto em teorias sociológicas e filosóficas, destacando a perspectiva existencialista de Jean-Paul Sartre. Os contos que constituem o corpus deste artigo abordam relações humanas pautadas nas intersubjetividades e na alteridade, possibilitando, assim, a investigação de como o processo epifânico do despertar da consciência se mostra decisivo para que as mulheres se autodescobram.

Palavras-chave: Clarice Lispector; Existencialismo; Despertar consciente; Emancipação feminina;

CONSCIOUSNESS AS AN EMANCIPATORY MEANS FOR THE FEMALE FIGURE: EXISTENTIALISM IN THE SHORT STORIES ‘AMOR,’ ‘A IMITAÇÃO DA ROSA,’ AND ‘LAÇOS DE FAMÍLIA’ BY CLARICE LISPECTOR

Abstract: This article aims to investigate female representation and the place women occupy in society, and how access to awareness of their condition of “being in the world” significantly affects their emancipation. To this end, the corpus of analysis will be the short stories “Amor”, “A imitação da rosa” and “Os laços de família”, which are part of Clarice Lispector’s *Laços de Família*. The proposed analysis is based on concepts from literary theory as well as sociological and philosophical theories, with emphasis on Jean-Paul Sartre’s existentialist perspective. The short stories that make up the corpus of this article deal with human relationships based on relations of intersubjectivity and otherness and, in this sense, make it possible to investigate how the epiphanic process of awakening consciousness is shown to be something decisive for women to discover themselves.

Keywords: Clarice Lispector; Existentialism; Conscious awakening; Women’s emancipation.

¹ Mestranda em estudos literários pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Introdução

Em sua produção literária inovadora, Clarice Lispector demonstra a capacidade de evocar uma gama diversificada de experiências sensoriais no leitor, granjeando reconhecimento popular pela abordagem de temáticas de considerável complexidade. Sua obra configura-se como um convite constante à reflexão acerca de múltiplos aspectos da existência imanentes à realidade cotidiana, reflexões estas que, em consonância com a perspectiva filosófica existencialista teorizada por Jean-Paul Sartre, tendem a suscitar estados de angústia².

Considerando a crescente recorrência da discussão acerca da normalização da objetificação da figura feminina no século XXI, a produção literária de Clarice Lispector demonstra relevância fundamental para a reflexão sobre essa temática. Sua obra sublinha a essencialidade da tomada de consciência como um elemento crucial para a emancipação feminina. Outrossim, a percepção equivocada de homens que concebem as mulheres como objetos de posse e destinados à sua satisfação, um dos pilares do machismo estruturalmente arraigado na sociedade, enfatiza a importância desta discussão. Conquanto a figura feminina tenha logrado, nas últimas décadas, ocupar progressivamente espaços sociais e de poder historicamente negados, a sociedade ainda necessita de avanços significativos nessa direção.

Articulando a perspectiva existencialista e a relevância do conhecimento para a consciência e a emancipação, a literatura de Clarice Lispector oferece um retrato da opressão sofrida pelas mulheres e da indução a internalizar absurdos naturalizados, a exemplo do confinamento ao espaço doméstico ou da primazia da satisfação conjugal. Essa representação possibilita tanto às leitoras a identificação dos papéis sociais

objetificados quanto aos leitores a percepção dos privilégios inerentes à sua posição.

Neste sentido, a partir do momento em que a figura feminina passa a ter conhecimento do que está acontecendo consigo mesma e de sua potência, esse pode ser o primeiro passo para escolher buscar atitudes de mudança, lutando por equidade e espaço na sociedade. Assim, nos contos “Amor”, “A imitação da rosa” e “Os laços de família”, é visível como as experiências das personagens e sua relação com o mundo e consigo mesmas são importantes para a construção de suas identidades.

Conforme teorizado pela filosofia existencialista sartreana, primeiramente o humano “surge no mundo e só posteriormente se define.” (Sartre, 1970, p. 4). Nesta linha, a ficção de Clarice Lispector prende o leitor em um mundo onde os pequenos detalhes têm um forte peso emocional/existencial, nos quais a angústia, fruto da consciência de sua condição no mundo, se faz presente, e delega às personagens o que fazer com tais descobertas angustiante, porém, libertadoras. A consciência, por sua vez, é intrinsecamente pessoal e privada. Cada indivíduo experimenta o mundo de uma maneira única.

Definindo-se pela intencionalidade, a consciência transcende a si mesma. De acordo com Sartre (1994, p. 47), a unidade de consciências ativas é o objeto transcendente que permite considerar, por exemplo, que “[...] dois mais dois são quatro. Sem a permanência desta verdade eterna, seria impossível conceber uma unidade real e haveria tantas operações irreduzíveis quantas as consciências operatórias.” Na intencionalidade da consciência, o eu aparece no nível de uma subjetividade transcendental como um centro de permanência e de suportes para a experiência. Todavia, é preciso compreendê-lo como um sujeito livre do peso subjetivo da identidade individual, alforriado, também, do realismo de um sujeito empírico, institui-se a consciência no transcurso da relação na qual a alteridade se funda em instâncias que interligam o eu e o outro, sem privilégios a uma parte. (Corbiniano, 2016, p.265-266)

2 Conforme teoriza o filósofo francês Jean-Paul Sartre, a angústia é um sinal do início da tomada de consciência existencial. Cf. SARTRE, 1970.

Nas narrativas de *Lispector*, a consciência desempenha um papel fundamental no processo decisório cotidiano. Inicialmente caracterizadas pela passividade diante dos eventos, suas personagens tendem a aceitar as circunstâncias sem questionamento. Contudo, a autora desenvolve situações catalisadoras de uma tomada de consciência, a “epifania” na teoria literária, a partir da qual as personagens se deparam com a possibilidade de manter o status quo de suas relações e situações ou de trilhar novos caminhos e estabelecer novas configurações. Essas decisões, consoante a teoria sartreana, inevitavelmente deflagram um sentimento de angústia. Prosseguindo nessa linha de investigação, podemos adentrar em considerações de pensadoras como Angela Davis, Chimamanda Ngozi Adichie, Djamila Ribeiro, Joice Berth, entre outras estudiosas do tema, serão a base para a análise da figura feminina e o lugar que ela ocupa na sociedade.

Considerações sobre o Patriarcalismo e suas estruturas sociais

No contexto da sociedade patriarcal, estruturada em uma hierarquia onde a figura masculina tradicionalmente exerce a chefia doméstica e a feminina é relegada a uma posição de serviço, observou-se uma normalização equivocada desse padrão comportamental. Em sua experiência como mulher inserida em um contexto social opressor, Clarice Lispector retrata, em sua obra, situações corriqueiras nas quais a figura feminina é objetificada. Apesar de sua produção literária datar de mais de meio século, a obra de Clarice Lispector, lamentavelmente, ainda ecoa a realidade enfrentada pela figura feminina na contemporaneidade. Nesse sentido, a análise do cotidiano e da rotina das mulheres representadas nos contos selecionados para o *corpus* deste artigo oferece a possibilidade de examinar o padrão opressor no qual se inserem. Logo, abre-se espaço para uma reflexão quanto ao papel que elas exercem na sociedade.

Algumas escolhas da autora na elaboração do discurso narrativo evidenciam a intenção de dar voz às mulheres e ‘pôr em xeque’ a visão de superioridade masculina.

Conforme teoriza Heleieth Safiotti, uma grande estudiosa do assunto, o patriarcado se estrutura com base em questões que “integra a ideologia de gênero, [...] a ideia, defendida por muitos, de que o contrato social é distinto do contrato sexual, restringindo-se este último à esfera privada” (Safiotti, 2004, p.54). A noção patriarcal da superioridade masculina relaciona-se com praticamente todas as áreas da dinâmica social. Assim, perceber que a mulher foi constantemente oprimida e reprimida no decorrer da história, por mais que seja algo evidente, possui muitas camadas e nuances que merecem uma atenção. E é por ser tão evidente que, infelizmente, um problema desta magnitude acaba sendo naturalizado. Conforme comente a pensadora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie,

Se repetimos uma coisa várias vezes, ela se torna normal. Se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal. Se só os meninos são escolhidos como monitores da classe, então em algum momento nós todos vamos achar, mesmo que inconscientemente, que só um menino pode ser o monitor da classe. Se só os homens ocupam cargos de chefia nas empresas, começamos a achar “normal” que esses cargos de chefia só sejam ocupados por homens. (Adichie, 2014, p.5)

Destarte, torna-se imperativo o desenvolvimento de mecanismos capazes de desconstruir a normalização desse quadro de absurdo. Nesse contexto, no conto “Amor”, a objetificação da figura feminina manifesta-se em excertos concernentes à personagem Ana: “Quando nada mais precisava de sua força, inquietava-se.” (Lispector, 1998, p.19), Em outras palavras, a personagem experimenta um sentimento de inutilidade e impotência nos momentos em que o lar não demanda seus cuidados, uma vez que internalizou a noção de

que sua relevância reside na sua capacidade de servir a algo ou alguém, notadamente ao cônjuge. Tal exemplo se enquadra bem nas discussões filosóficas do Existencialismo teorizado por Heidegger³, na qual o “*ser-em-si*”, autêntico, difere do “*ser-para*”, que atua como um mero objeto, por terem sempre uma finalidade prática, criados, inclusive, para tais intuitos.

Inserida na conjuntura social do patriarcalismo, a consideração acerca da personagem Ana, que “por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado.” (Lispector, 1998, p.20), evidencia o peso de ser mulher em tal sociedade, um “caminho torto”, bem como a noção de construção história deste problema, como algo “inventado” e conveniente para os beneficiários/representantes das estruturas de poder: os homens.

O conto “Amor” confere significativa ênfase à ideia de que a função de Ana naquele dia já havia sido integralmente desempenhada, o que a conduz a um estado de certo atordoamento. A conclusão da sua tarefa de servir a faz confrontar-se com uma aparente perda de sentido existencial, uma vez que sua identidade essencial se encontra intrinsecamente ligada a esse papel de subalternidade. Conforme se observa no trecho: “Sua precaução reduzia-se a tomar cuidado na hora perigosa da tarde, quando a casa estava vazia sem precisar mais dela, o sol alto, cada membro da família distribuído nas suas funções.” (Lispector, 1998, p.20). Desse modo, o excerto analisado configura-se como uma representação de crucial relevância para a compreensão da sociedade contemporânea. Nela, observa-se que inúmeras mulheres, seja por deficiência informacional ou em decorrência de problemáticas estruturais mais amplas, buscam incessantemente uma validação de sua importância, frequentemente atribuindo à função de “dona do lar” essa centralidade.

3 HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução Fausto Castilho. Campinas - SP: Editora da Unicamp; Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2012.

Contudo, nessa condição, paradoxalmente, acabam por não deter o domínio sobre si mesmas e seus próprios interesses, sujeitando-se, em muitos casos, ao controle e vivendo em função da figura masculina.

Em perspectiva e situação similar, no conto “A imitação da Rosa” encontra-se a personagem Laura, a qual sua principal – e talvez única – função é a cuidar da casa e servir a Armando, seu marido. Nesta dinâmica não sobra a ela tempo algum para si, uma vez que “Antes que Armando voltasse do trabalho a casa deveria estar arrumada e ela própria já no vestido marrom para que pudesse atender o marido enquanto ele se vestia” (Lispector, 1998, p.34). Com relação à organização da casa, a escolha do termo “deveria” denota claramente os papéis sociais e a hierarquia de poder, onde a mulher deve servir o homem, e não o contrário.

Conseqüentemente, ao inserir diversas personagens femininas em tais contextos, Clarice Lispector inscreve na estrutura formal de suas obras uma representação da força e dos mecanismos operacionais da estrutura patriarcal vigente. Essa representação evidencia a premente necessidade de ruptura com essa estrutura e seus valores subjacentes.

À semelhança de um aspirador de pó ou de qualquer outro aparelho destinado unicamente à função de limpeza, a identidade da personagem é esvaziada de sua complexidade, conforme ressaltado no excerto: “Sem a fitarem, ajudavam-na ativamente a esquecer, fingindo elas próprias o esquecimento como se tivessem lido a mesma bula do mesmo vidro de remédio” (Lispector, 1998, p.34). Esse “esquecimento” é forte elemento para seu pagamento enquanto um “*Ser-em-si*”, bem como a comparação a um mero objeto, “vidro de remédio”, corrobora na sua constituição de “*ser-para*”. Safiotti salienta:

Neste regime, as mulheres são objetos da satisfação sexual dos homens, reprodutoras de herdeiros, de força de trabalho e de novas reprodutoras. Diferentemente dos homens como categoria

social, a sujeição das mulheres, também como grupo, envolve prestação de serviços sexuais a seus dominadores. (Safiotti, 2004, p.105)

O conto “Laços de Família” explora essa temática, conferindo especial atenção à hierarquização da figura masculina em relação à feminina. Após vivenciar um momento epifânico – de tomada de consciência –, a protagonista Catarina tem um encontro fortuito com um indivíduo enquanto se dirigia à estação, onde sua mãe embarcaria para casa, e percebe a singularidade daquela interação. Em um encontro casual com um estranho, o estranhamento seria compreensível. Contudo, o choque, mesmo que físico, com a própria genitora suscita em Catarina um estado de tensão e inquietação. De modo particular, a personagem é atravessada pela angústia da consciência diante da quase completa ausência de verdadeiros “laços de família”, o que ressalta a ironia subjacente ao título do conto.

A tomada de consciência a faz perceber que a ausência de laços familiares não se dá apenas com a mãe, mas também com o filho. Assim, momentos depois, logo ao chegar em casa, irá buscar uma real aproximação com o filho. Aproxima-se, pega-o pela mão e o leva para dar uma volta, para que possam iniciar uma relação mais afetiva. Quando Antônio, o marido, percebe a situação, primeiramente estranha vê-la sair de casa sem lhe pedir permissão. Tal atitude o deixa inquieto, uma vez que sinaliza um início de ruptura com a dinâmica patriarcal familiar.

Conforme narra o texto, “ele olhara da janela, vira-a andar depressa de mãos dadas com o filho, e dissera-se: ela está tomando momentos de alegria – sozinha” (Lispector, 1998, p. 102). Além de sair sem pedir a esposa ainda cometia o “delito” de estar podendo fruir a vida de maneira prazerosa, “delito” grave em uma dinâmica que tenta inibir todo e qualquer momento de alegria ou prazer feminino sem que seja ocasionado pelo homem – claro equívoco da lógica masculina conservadora. É por tal motivo que ele comenta:

“— ‘Depois do jantar iremos ao cinema’, resolveu o homem.” (Lispector, 1998, p. 103). Ou seja, se fosse para ter alguma situação fora da rotina, que fosse com o aval e decisão dele, “o homem” da casa, o dono do poder, das pessoas, dos momentos.

Outra representação recorrente nos contos reside na imposição de que as mulheres devem invariavelmente se “preparar” para a chegada dos homens, uma lógica imbuída de machismo. Nessa perspectiva, a figura masculina é posicionada como uma entidade de superior importância, demandando total atenção, cuidado e até mesmo reverência por parte das mulheres, as quais são compelidas a abdicar de suas próprias atividades e interesses para estarem à sua disposição. Isso evidencia-se no conto “A imitação da rosa” no momento em que a personagem Laura sente medo de não agradar o marido por conta de não poder ter filhos, questionando-se intimamente se “naquela mínima ponta de surpresa que havia no fundo de seus olhos, alguém veria nesse mínimo ponto ofendido a falta dos filhos que ela nunca tivera?” (Lispector, 1998, p.37). É interessante notar que o não ter filhos não é algo compartilhado por eles, mas um fardo individual, pois “ela” nunca tivera.

Nessa perspectiva, a análise dos contos que compõem o corpus deste artigo evidencia como as personagens femininas se inserem nas considerações teóricas concernentes aos aspectos do patriarcalismo, com suas estruturas e mecanismos de opressão. Uma dessas estruturas manifesta-se na normalização de um absurdo de tal magnitude quanto a desigualdade dos papéis e espaços ocupados por homens e mulheres na sociedade. Como bem pontua a pensadora feminista Chimamanda Ngozi Adichie,

Não é fácil conversar sobre a questão de gênero. As pessoas se sentem desconfortáveis, às vezes até irritadas. Tanto os homens como as mulheres não gostam de falar sobre o assunto, contornam rapidamente o problema. Porque a ideia de

mudar o status quo é sempre penosa. (Adichie, 2014, p.13)

por individualidades e subjetividades que não estejam conscientemente atuantes dentro de processos de empoderamento. (Berth, 2019, p.36)

De tal, a dificuldade de tratar dos temas é tamanha e ainda maior algumas ações específicas que ataquem o patriarcado em sua estrutura. Com isso em mente, se faz então compreensível o motivo pelo qual a personagem Ana, no conto “Amor”, mesmo após um momento de epifania, que lhe gera um “mal-estar” (Lispector, 1998, p.34), que faz com que “a náusea subiu-lhe à garganta” (Lispector, 1998, p.38) – aspectos da súbita tomada de consciência, opte por apenas tentar manter as coisas como sempre estiveram – lembrando que, mesmo que ela queira, isso não será mais possível em nível psicológico para ela, pois se antes era objetificada sem esta consciência, a situação de objetificação poderia ser mantida, mas sua consciência estava posta⁴.

O lugar da mulher na sociedade e as conquistas feministas

A reivindicação de direitos fundamentados na equidade e a busca pela libertação de padrões historicamente impostos pela sociedade machista constituem uma luta de longa data para as mulheres. Desde *Perto do coração selvagem* (1943), seu primeiro livro lançado, a narrativa de Lispector apresenta algumas rupturas com as estruturas tradicionais da época, fator presente de maneira significativa em sua trajetória literária. Contudo, nas últimas décadas, observa-se um movimento progressivo no qual a figura feminina gradualmente conquista espaços sociais que historicamente lhe foram negados. Nesse sentido, conforme salienta Joice Berth:

O empoderamento individual e coletivo são duas faces indissociáveis do mesmo processo, pois o empoderamento individual está fadado ao empoderamento coletivo, uma vez que uma coletividade empoderada não pode ser formada

⁴ Conforme bem observa o pensador Albert Einstein, “A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original.”

Ao analisar a representação da personagem feminina nos contos da autora, torna-se notável a ênfase que Clarice Lispector confere à rotina dessas mulheres, expondo como a ausência de consciência crítica figura, em muitas ocasiões, como um fator impeditivo para a vivência de uma existência genuinamente plena, não apenas uma “felicidade insuportável” (Lispector, 1998, p.20). No conto intitulado “Amor”, devido ao modo como se estrutura o casamento da personagem Ana e seu marido, nem passa pela cabeça dela qualquer abertura à liberdade, aceitando como normal que seja controlada pelo marido e, quando ela, de alguma forma, percebe isso, tenta convencer a si mesma que é errado, como no trecho: “O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida.” (Lispector, 1998, p.19). Era como se Ana estivesse tentando enganar a si mesma, convencendo-se de que sim, seu marido era bom e que ela não precisava da sua liberdade e de sua juventude. Seu marido a induz a acreditar que ela está feliz justamente por não querer perder sua influência sobre ela. Tal aspecto é naturalizado na visão de mundo da personagem, pois “na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto — ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido” (Lispector, 1998, p.20).

Ana é retratada como uma mulher dotada de plena capacidade para a independência e para a condução autônoma de sua vida, possuindo inteligência e significativo potencial para viver de acordo com suas próprias escolhas. Não obstante, lamentavelmente, sua trajetória foi condicionada à posição de “dona de casa” e à submissão marital, sem que ela desenvolva uma consciência efetiva dessa condição imposta. Sendo vítima desta estrutura patriarcal, é

natural, e inerente à própria estrutura que está inserida, que a vida seja levada quase que sem amor, o que destaca uma ironia presente já no título do conto.

A concepção de que homens e mulheres podem coexistir em harmonia e igualdade ainda suscita, de maneira absurda, um certo espanto, dada a magnitude do conservadorismo social em relação a essa questão. Nesse contexto, constata-se que as pautas feministas, que em grande parte almejam a equidade, são frequentemente percebidas como radicais e excessivas, especialmente sob a perspectiva machista ultraconservadora daqueles que resistem à perda dos privilégios conferidos pela estrutura patriarcal. Conforme a pensadora feminista Chimamanda Ngozi Adichie, seu editor:

Comentou que as pessoas estavam dizendo que meu livro era feminista. Seu conselho — disse, balançando a cabeça com um ar consternado — era que eu nunca, nunca me intitulasse feminista, já que as feministas são mulheres infelizes que não conseguem arranjar marido. Então decidi me definir como “feminista feliz”. (Adichie, 2014, p.4)

É muito pertinente a noção de “feminista feliz”, uma vez que reflete a consciência da força e autonomia das mulheres. Autonomia que, na maioria dos casos, não é vista no universo masculino, cravado de privilégios e de pessoas acostumadas a serem servidas, mesmo que nunca tenham parado para pensar sobre isso.

A noção que nas relações convencionais a função da esposa é a de servir ao marido constata-se, por exemplo, no conto “Laços de família” - que de modo irônico novamente retrata exatamente a ausência de laços familiares nas relações narradas. Nele, o personagem Antônio fica inquieto ao perceber que a mulher não ficaria em casa para passar o sábado com ele.

Aonde foram? perguntou-se inquieto, tossindo e assoando o nariz. Porque sábado era seu, mas ele queria que sua mulher e seu filho estivessem em

casa enquanto ele tomava o seu sábado. [...] Porque andava ela tão forte, segurando a mão da criança? pela janela via sua mulher prendendo com força a mão da criança e caminhando depressa, com os olhos fixos adiante; e, mesmo sem ver, o homem adivinhava sua boca endurecida. A criança, não se sabia por que obscura compreensão, também olhava fixo para a frente, surpreendida e ingênua. (Lispector, 1998, p.68)

A surpresa manifestada pelo filho diante da atitude da mãe revela a sua criação em um ambiente doméstico carente de vínculos afetivos sólidos e onde a figura materna habitualmente se limitava a acatar as decisões paternas, abstendo-se de iniciativas próprias. Essa alteração de comportamento materno, e a consequente surpresa experimentada tanto pelo filho quanto pelo marido, explicitam a toxicidade preexistente naquele ambiente e naquela relação conjugal.

Pela maneira que as sociedades foram se estruturando com o passar dos tempos, são milenares os traços que alimentam o patriarcado e os privilégios masculinos. Conforme teoriza Adichie (2014, p.15) “A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura”.

A Filosofia Existencialista como chave de leitura para os textos de Clarice Lispector

Sob uma perspectiva existencialista, a existência humana é definida pelas escolhas individuais. Conforme Sartre (1970) postula, a constante necessidade de tomada de decisões inerente à condição humana é a origem tanto da angústia quanto da possibilidade de alcançar a felicidade. Nesse sentido, com o objetivo de investigar a influência do acesso à consciência da própria condição de “ser no mundo” como fator significativo para a emancipação, torna-se imprescindível analisar como essa consciência se manifesta de maneira determinante nas personagens femininas presentes nos contos

de Clarice Lispector que integram o *corpus* deste artigo.

Portanto, ao empreender a análise dos contos “Amor”, “A imitação da rosa” e “Os laços de família” de Clarice Lispector, integrantes da coletânea *Laços de Família* publicada em 1960, a adoção de uma perspectiva reflexiva existencialista pode proporcionar *insights* valiosos para a compreensão da transformação na percepção de mundo dessas personagens femininas e para a investigação de suas escolhas concernentes à alteração de suas trajetórias de vida.

Destarte, a partir do instante em que a figura feminina desenvolve uma tomada de consciência, seja de maneira paulatina ou abrupta – caracterizada, neste último caso, pelo aspecto revelador denominado “epifania” –, configura-se o primeiro passo em direção à escolha de buscar atitudes de mudança e à luta por equidade e espaço na sociedade. Em consonância com essa perspectiva, diversas reflexões propostas fundamentam-se na filosofia existencialista, em particular no existencialismo previamente mencionado e teorizado por Jean-Paul Sartre, para quem “o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define” (Sartre, 1970, p.4). Nessa perspectiva, é demonstrado que os seres estão fadados a tomadas decisões a todo instante, sendo estas atitudes, mesmo que libertárias, angustiantes, marca essa que se faz presente em diversos textos de Clarice Lispector. Isso se dá por não conseguir lidar com a pressão de ter que escolher por si mesmo e pelos outros o tempo todo. algo que pode ser relacionado com o fato de, nos contos analisados, as mulheres passam por algum tipo de tomada de consciência, seja gradativa ou súbita, fator que inevitavelmente irá gerar angústia.

Nessa direção, a autora constrói personagens imersas em rotinas singelas, nas quais um acontecimento de pequena magnitude pode desencadear um processo epifânico e revelador, no qual a angústia assume um

papel dominante. Essa temática é presente em outros textos da autora, como em *Perto do Coração Selvagem* (1943) e *A Paixão Segundo G.H.* (1964) onde “do mundo feminino, das difíceis relações entre mulheres oprimidas em seus restritos cotidianos e das fendas abertas por devaneios, fantasias, acasos e epifanias, que tensionam a rigidez da ordem doméstica.” (Rosenbaum, 2002, p.66). A linguagem de Lispector, repleta de fluxos de consciência, e a maneira descontínua de narrar e construir a densidade psicológica das personagens mostram a mente humana e sua complexidade. Nesse sentido, a angústia e a náusea teorizadas por Sartre, juntamente com o conhecimento e a vontade de pertencimento a algum lugar/grupo, contribuirão para que as personagens tomem coragem para sair das suas zonas de conforto, não tão confortáveis assim, e terem uma chance de alterar o curso de suas vidas.

É imprescindível, também, destacar mais uma vez o fato de Clarice Lispector ser uma mulher e que, a escolha pela abordagem de tais temas ainda nos anos de 1960, traz contribuições sobre a mulher na contemporaneidade.

Nos contos “Amor”, “A imitação da rosa” e “Os laços de família”, é visível a realidade indeterminada que os próprios personagens criam e narram, tudo isso mostrando como as experiências das personagens definem a sua relação com os outros, com o mundo e consigo mesmas. Nestes textos, pode-se apontar a falta, de ação das mulheres, pois “as personagens de Clarice Lispector são mais pacientes do que agentes de uma experiência interior que não podem controlar, e onde nada há de permanente a não ser a paixão da existência que também lhes é comum.” (Nunes, 1989, p.104).

A narrativa ficcional de Clarice Lispector imerge o leitor em um universo onde a sutileza dos detalhes adquire um significativo peso emocional e existencial. Nesse âmbito, a angústia, derivada da consciência da própria condição no mundo, manifesta-se como uma força motriz que confronta as personagens com

a necessidade de decidir o rumo a ser tomado diante dessas descobertas, simultaneamente perturbadoras e emancipatórias.

Um ponto como a falta de felicidade é algo que merece ser destacado. Inicialmente, os textos analisados da autora começam com a descrição da vida das personagens de modo que o leitor e a própria personagem acreditem que está tudo bem, que é uma bela vida e uma rotina normal.

Um pouco cansada, com as compras deformando o novo saco de tricô, Ana subiu no bonde. Depositou o volume no colo e o bonde começou a andar. Recostou-se então no banco procurando conforto, num suspiro de meia satisfação. (Lispector, 1998, p.19)

Assim como ocorre com a personagem Ana, no conto “A imitação da rosa”, Laura também tem a impressão de viver uma vida feliz com seu amigo, até porque ela sempre deixa a casa em boas condições, tem afeto com o marido e os dois saem para encontros com os seus amigos, assim como comprovado no trecho: “mas agora que ela estava de novo ‘bem’, tomariam o ônibus, ela olhando como uma esposa pela janela, o braço no dele, e depois jantariam com Carlota e João, recostados na cadeira com intimidade” (Laços de Família, 1998, p.34). Representando um lugar comum das mulheres à época (aspecto que ainda encontra recorrência na sociedade), a mulher definida por sua condição de “dona de casa”, as protagonistas dos contos também não percebiam a real vida e opressão que elas faziam parte.

Outro elemento convergente entre as personagens reside na rotina, aspecto que concorre para que vivenciem suas vidas com uma consciência limitada de seus próprios comportamentos e de sua posição no mundo, agindo de maneira automatizada e condicionada. Nesse contexto, a rotina retratada é a de uma mulher inserida no papel de dona de casa, da qual se espera uma constante dedicação

ao serviço do marido e dos filhos. Esse fator revela-se particularmente relevante para a análise, pois a absorção em inúmeras tarefas domésticas, aliada à escassez de tempo para outras atividades, opera como um mecanismo de alienação, obscurecendo a percepção da própria realidade para essas mulheres. É uma alienação tão grande que elas pensam que as coisas só são boas porque tem um pouco da ação do homem ali, algo demonstrado no trecho: “Parecia ter descoberto que tudo era passível de aperfeiçoamento, a cada coisa se emprestaria uma aparência harmoniosa; a vida podia ser feita pela mão do homem” (Lispector, 1998, p.19). Essa ideia de que a perfeição e as coisas boas só podem ser alcançadas por causa de um homem é exatamente aquilo que Clarice Lispector questiona em seus contos, pois percebemos que as mulheres têm potencial, mas, infelizmente, não a permitem explorá-lo.

Nessa perspectiva, outro aspecto fundamental a ser abordado é a estranheza que certos acontecimentos causam nas personagens e como elas lidam com o fato de sair da zona de conforto, porque isso implica em uma série de elementos a serem discutidos. Afinal, “na maioria dos contos da autora, o episódio único serve de núcleo à narrativa é um momento de tensão conflitiva” (Nunes, 1989, p.84). Assim possível observar que Ana, no conto “O amor”, acreditava viver uma vida boa, onde ela cumpria suas obrigações de ser a “mulher do lar” e, quando se deparou com a cena do cego mascando chiclete, algo que desencadeou sua epifania, ela teve dificuldades de aceitar esse processo, como demonstra o trecho: “Poucos instantes depois já não a olhavam mais. O bonde se sacudia nos trilhos e o cego mascando goma ficara atrás para sempre. Mas o mal estava feito” (Lispector, 1998, p.21).

Esse “mal” consiste na súbita tomada de consciência que, concomitantemente à geração de angústia, propicia a percepção da própria condição enquanto ser individual e enquanto mulher inserida em um contexto social

patriarcal e opressor. Assim, essa ideia de “mal” é relativa: pode ser visto como problemática, ao se focalizar a angústia gerada; ou pode ser vista como libertadora, ao se focalizar a possibilidade consciência e compreensão de sua condição como o primeiro passo para a escolha de tomar decisões que mudem sua condição de submissão, opressão e falta de amor próprio. No caso da personagem Ana, após se deparar com aquele indivíduo cego, o mundo pareceu diferente para ela, mas esse diferente a assustou. “Mesmo as coisas que existiam antes do acontecimento estavam agora de sobreaviso, tinham um ar mais hostil, perecível... O mundo se tornara de novo um mal-estar” (Lispector, 1998, p.22). Essa espécie de mal-estar pode ser expressada tanto como a tomada de consciência descrita por Sartre ou o pavor de começar uma “vida nova”. Por sua vez, no conto “A imitação da rosa”, sair da zona de conforto se encontrava muito mais complexo do que a personagem Laura poderia imaginar. Para ela, sua vida era confortável, normal, porém a tomada de consciência também acontece e ela tem a chance de mudar.

No instante seguinte, desviou os olhos com vergonha pelo despudor de sua mulher que, desabrochada e serena, ali estava. Mas de súbito a tensão caiu. Seus ombros se abaixaram, os traços do rosto cederam e uma grande pesadez relaxou-o. Ele a olhou envelhecido, curioso. Ela estava sentada com o seu vestidinho de casa. Ele sabia que ela fizera o possível para não se tornar luminosa e inalcançável. (LISPECTOR, 1998, p.41)

Uma questão central problematizada nos contos de Clarice Lispector reside na normalização, por parte das personagens, de uma realidade opressora. Essa habituação as impede de conceberem alternativas e, conseqüentemente, as conduz a uma resignação diante da possibilidade de transformação. No caso de Laura, ela era a típica mulher “recatada”, do lar, e, mesmo sabendo que as mulheres lutam para que isso não seja mais comum, no século

XIX, essa situação era aceitável. Em decorrência disso, quando Laura se vê em uma situação em que ela é capaz de seguir por outro caminho, ela hesita e tende a pensar demais sem necessidade, algo comprovado no trecho “E também porque aquela beleza extrema incomodava. Incomodava? Era um risco. Oh, não, por que risco? apenas incomodava, eram uma advertência, oh não, por que advertência? Maria daria as rosas a Carlota.” (Lispector, 1998, p.35). Ademais, convém ressaltar que Carlota se apresenta como uma personagem com circunstâncias distintas de Laura, possuindo uma perspectiva singular enquanto mulher, evidenciada por sua força e condição. Tal distinção sublinha a clara intenção de Clarice na construção de perfis femininos específicos e nas reflexões que estes visam suscitar. A despeito da adversidade da realidade em que o indivíduo se encontra imerso, o temor da mudança pode manifestar-se mais intenso que o sofrimento presente, culminando na desistência. Quanto ao conto “Laços de Família”, essa ideia de sair da zona de conforto não parece ser tão desconfortável assim. Quando Catarina abraçou sua mãe e voltou para sua casa, ela começou a enxergar o mundo com outros olhos, algo mais vívido e colorido.

Caminhava serena, moderna nos trajes, os cabelos curtos pintados de acaju. E de tal modo haviam-se disposto as coisas que o amor doloroso lhe pareceu a felicidade — tudo estava tão vivo e tenro ao redor, a rua suja, os velhos bondes, cascas de laranja — a força fluía e reflúia no seu coração com pesada riqueza. (Lispector, 1998, p.74)

É particularmente relevante analisar o contraste estabelecido por esse conto em relação aos demais, pois Catarina demonstra uma postura de não hesitação ou negação diante do momento de realização e conhecimento que vivencia. Tal receptividade configura-se como um aspecto de suma importância para a sua progressiva emancipação enquanto mulher.

A decisão de transformar suas vidas ou manter o *status quo* emerge diretamente da epifania, um elemento de crucial importância nos contos de Clarice Lispector e um fator determinante para o futuro dessas personagens femininas. Ao analisar os três contos, percebe-se muitos elementos em comum, sendo eles o patriarcalismo, o feminismo e, o mais importante, a tomada ou não de consciência. Essa tomada de consciência se dá ao fato de que as personagens passam por situações que, segundo Benedito Nunes (1989), “estão em um mundo onde nada é por acaso, tudo tem um forte peso emocional e a angústia está presente constantemente”. Portanto, pequenos detalhes e ações são perfeitamente capazes de desestabilizar as personagens por completo, pois desencadeiam uma reação de epifania e as fazem perceber onde realmente estão.

Assim, no conto “Amor”, o momento em que Ana viu o cego mascando chicletes mudou completamente sua vida, pois foi a partir daquele instante que ela abriu os olhos para o mundo. Porém, a epifania causa angústia, desestabiliza o ser humano, Ana levou um tempo para digerir e processar a informação, algo mostrado no trecho:

Era um cego. O que havia mais que fizesse Ana se apurar em desconfiança? Alguma coisa intranquã estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicles... Um homem cego mascava chicles. Ana ainda teve tempo de pensar por um segundo que os irmãos viriam jantar — o coração batia-lhe violento, espaçado. Inclinada, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. Ele mastigava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento da mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir — como se ele a tivesse insultado, Ana olhava-o. E quem a visse teria a impressão de uma mulher com ódio. (Lispector, 1998, p.20-21)

No conto “A imitação da rosa”, observa-se um processo gradual de despertar da consciência em Laura. Contudo, o primeiro passo nesse

processo manifesta-se através da experiência de náusea e da negação da realidade circundante, como se a personagem resistisse à constatação de que sua vida *talvez* não correspondesse à perfeição idealizada. Afinal, “a personagem de Clarice Lispector encontra no absurdo de sua situação, a que cede opondo resistência, uma nova e angustiada realidade que destrói o seu mundo humano” (Nunes, 1989, p. 130). Isso mostra como a epifania realmente causa um grande impacto, pois a angústia vem junto e não se pode ignorá-la. Isso está representado no trecho “O fato de não durarem muito parecia tirar-lhe a culpa de ficar com elas, numa obscura lógica de mulher que peca” (Lispector, 1998, p.38), onde fica claro sua indecisão.

A epifania configura-se como um ato de revelação, deflagrando uma súbita consciência da qual não se pode retroceder. Essa irreversibilidade pode representar um desafio à aceitação para alguns indivíduos; contudo, em outros casos, assume um caráter libertador, a exemplo do que ocorre em “Laços de família”, onde Catarina se permite vivenciar plenamente esse sentimento, demonstrando desenvoltura em lidar com suas implicações. Entretanto, apenas ter a epifânica tomada de consciência não é o suficiente para resolver o problema de anos de patriarcalismo e da mulher sendo reprimida. A emergência da consciência nessas personagens femininas estabelece um ponto de inflexão, potencialmente deflagrando uma busca por emancipação. É a partir desse conhecimento que elas discernem a desnecessidade de perpetuar suas condições pregressas e, assim, podem iniciar a procura por transformações. Contudo, é crucial reconhecer que a efetividade dessas oportunidades de mudança não se distribui de maneira equitativa entre as mulheres, sendo modulada por diversas particularidades, como classe social e etnia. Ademais, mesmo nos casos em que uma transformação completa não se concretiza, a responsabilidade não deve recair sobre a mulher – enquanto vítima do sistema patriarcal –, mas sim sobre as estruturas conservadoras que

coíbem e inviabilizam até mesmo a sua busca por autonomia.

Entretanto, com o desvelar da consciência, também se desvelam medos. No conto “Amor”, a realização parece tomar parte aos poucos, porém o medo é constante, ela parece não querer mudar porque já tem a certeza de que não dará certo e que é loucura, quando, na verdade, elas só pensam assim por conta de um histórico imenso de opressão, algo representado no trecho abaixo.

A sala era grande, quadrada, as maçanetas brilhavam limpas, os vidros da janela brilhavam, a lâmpada brilhava — que nova terra era essa? E por um instante a vida sadia que levava até agora pareceu-lhe um modo moralmente louco de viver. (Lispector, 1998, p.24)

Quanto ao conto “A imitação da rosa”, Laura parece lidar com a epifania de uma maneira mais difícil ainda, o medo é tanto que ela tenta convencer a si mesma que não precisa das rosas, como se ficar com as rosas que *são dela* fosse um dos piores pecados do mundo, comprovado no trecho: “Mas estas rosas eram. Rosadas, pequenas, perfeitas: eram. Olhou-as com incredulidade: eram lindas e eram suas. Se conseguisse pensar mais adiante, pensaria: suas como nada até agora tinha sido” (Lispector, 1998, p.38). É triste pensar que Laura se sentia culpada por querer ter algo tão simples quanto flores e, por causa disso, martelar aquilo em sua cabeça de forma tão violenta ao ponto de sentir medo por causa disso.

Outro aspecto notável nos contos de Clarice Lispector reside na estruturação de suas composições, que habilmente permite ao leitor uma imersão nos processos mentais das personagens à medida que estas experimentam seus fluxos de consciência. No conto “Laços de Família”, por outro lado, por mais que a epifania acarrete uma ação mais “libertadora” que os demais, o medo parece ser expressado em forma de paranoia, pensando demais em

coisas simples em rotineiras, provando que, por mais que ela estivesse gostando dessa sensação, a preocupação ainda estava ali.

Desamarrotou a toalha com vigor antes de pendurá-la para secar. Talvez pudesse contar, se mudasse a forma. Contaria que o filho dissera: mamãe, quem é Deus. Não, talvez: mamãe, menino quer Deus. Talvez. Só em símbolos a verdade caberia, só em símbolos é que a receberiam. Com os olhos sorrindo de sua mentira necessária, e sobretudo da própria tolice, fugindo de Severina, a mulher inesperadamente riu de fato para o menino, não só com os olhos: o corpo todo riu quebrado, quebrado um invólucro, e uma aspereza aparecendo como uma rouquidão. Feia, disse então o menino examinando- a. (Lispector, 1998, p.75)

Porém, como comentado anteriormente, a epifania não é o suficiente para essas mulheres mudarem de vida. O conhecimento definitivamente pode ser um meio emancipador para a figura feminina na sociedade, mas a decisão de mudar ou não é o que determina isso. No conto “Amor”, a personagem Ana, por mais que tenha tido o seu momento de epifania, não escolhe tomar decisões que mudem o rumo de sua vida.

Quanto à Laura, de “A imitação da rosa”, também apresenta uma certa negação com esse novo olhar, demonstrando medo e uma espécie de resistência. Entretanto, essa resistência, por conta do patriarcalismo discutido nos pontos anteriores, não é consciente, Laura tem medo de mudar, pois, em sua mente, não há como ser de um jeito diferente e, ainda, ela se sente mal por querer algo que seja verdadeiramente bom para ela.

Mas à luz desta sala as rosas estavam em toda a sua completa e tranqüila beleza. Nunca vi rosas tão bonitas, pensou com curiosidade. E como se não tivesse acabado de pensar exatamente isso, vagamente consciente de que acabara de pensar exatamente isso e passando rápida por cima do embaraço em se reconhecer um pouco cacete, pensou numa etapa mais nova de surpresa:

“sinceramente, nunca vi rosas tão bonitas”.
(Lispector, 1998, p.35)

uma falta maior. Na verdade, como a falta. Uma ausência que entrava nela como uma claridade.
(Lispector, 1998, p.39-40)

É pertinente considerar que, em decorrência da ausência de autoestima e da habituação a uma existência voltada ao serviço e à satisfação alheia, Laura não se considera merecedora das plantas. Essa é a razão pela qual as oferece a Carlota, uma mulher dotada de força e com uma postura que contrasta com a sua própria. Sabemos que ela tinha vontade das rosas, essas que podem ser uma metáfora para uma nova e colorida vida, porém, em sua cabeça, era errado e tinha um *risco*. Esse risco a incomodava, mas sabemos que esse risco, na verdade, é a chance que ela tem de mudar sua vida, não aceitando mais a opressão que sofre, seja ela direta ou indireta. Esse risco é demonstrado em: “E também porque aquela beleza extrema incomodava. Incomodava? Era um risco. Oh, não, por que risco? apenas incomodava, eram uma advertência, oh não, por que advertência? Maria daria as rosas a Carlota.” (Lispector, 1998, p. 36). Não obstante, conforme previamente discutido, a ocorrência da epifania, por si só, não se configura como condição suficiente. A efetiva transformação requer uma decisão consciente de alterar o curso da própria existência e, somente a partir dessa escolha, inicia-se a jornada para a libertação desse cárcere aprisionador.

No momento em que Laura finalmente opta por entregar as flores, ela experimenta uma sensação de vazio interior, o que pode ser interpretado como uma oportunidade de mudança “perdida”. Ela sente a falta das flores, que, em princípio, lhe pertenciam, mas das quais ela se viu compelida a abrir mão.

E as rosas faziam-lhe falta. Haviam deixado um lugar claro dentro dela. Tira-se de uma mesa limpa um objeto e pela marca mais limpa que ficou então se vê que ao redor havia poeira. As rosas haviam deixado um lugar sem poeira e sem sono dentro dela. No seu coração, aquela rosa, que ao menos poderia ter tirado para si sem prejudicar ninguém no mundo, faltava. Como

Ainda que desprovida das rosas, Laura ainda teria a possibilidade de optar pela transformação, confrontar o marido e trilhar um caminho distinto. Contudo, os eventos subsequentes ilustram, mais uma vez, a profundidade com que o patriarcalismo se encontra arraigado na estrutura social, de modo que a mulher, frequentemente de maneira inconsciente e desprovida da força ou do conhecimento necessário para avançar, acaba por retroceder e permanecer na dinâmica de relações que a inferioriza. É fundamental enfatizar que Laura é vítima nessa sociedade; a sua hesitação em promover mudanças não lhe deve ser imputada como culpa. Ademais, a tomada de decisões que visam desestabilizar o patriarcado não constitui um processo simples ou desprovido de complexidade.

Conclusão

Em suma, a análise dos contos “Amor”, “A imitação da rosa” e “Os laços de família” sob a perspectiva do existencialismo sartreano revela a consciência como o motor fundamental para a percepção das profundas amarras do patriarcalismo estrutural internalizadas pelas personagens femininas. A imersão no cotidiano opressor imposto por essa estrutura, tão vividamente retratado por Clarice Lispector, expõe como a ausência de consciência crítica frequentemente obstaculiza a vivência de uma existência autêntica e plena, perpetuando um ciclo de subalternidade naturalizado e, por vezes, resistido por aqueles que se beneficiam da manutenção do status quo.

Contudo, a própria representação da rotina dessas mulheres, com seus momentos de estranhamento e potencial para a epifania, também ilumina uma resiliência feminina intrínseca, uma capacidade de questionar, ainda

que incipientemente, os papéis que lhes são designados. Ao trazer à luz a gênese histórica e a persistência da opressão patriarcal, a obra de Clarice Lispector demonstra a urgência de uma reflexão aprofundada que transcenda a busca por uma igualdade meramente formal, almejando uma efetiva equidade de gênero. A arte literária, nesse contexto, assume um papel crucial como ferramenta de conscientização, desvelando as complexidades da experiência feminina e expondo as violentas estruturas de poder que a limitam.

Em derradeira análise, torna-se patente a potência reflexiva da arte como instrumento de conscientização e de combate às violentas estruturas de poder, notadamente ao abordar temáticas concernentes ao feminismo e à representação da figura feminina, expondo um problema de profundas raízes históricas. As narrativas de Clarice Lispector, ao trazerem à luz a existência e os conflitos dessas personagens, ecoam uma problemática social de grande magnitude que persiste na contemporaneidade. A questão que se impõe é: até quando essa realidade perdurará?

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen 2019.

CORBINIANO, Simone Alexandre Martins; BERGAMO, Thelma Maria de Moura. *Consciência, intencionalidade e liberdade: contribuições de Sartre na formação do sujeito*. Educar em Revista, n. 59, p. 263-275, 2016.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

NUNES, Benedito. *Clarice Lispector*. São Paulo: Quíron, 1973.

NUNES, Benedito. *A forma do conto*. In. *Leitura*

de Clarice Lispector. São Paulo: Quíron, S/D, 1973.

NUNES, Benedito. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Quíron, 1989.

NUNES, Benedito. “*O mundo imaginário de Clarice Lispector*”. In. *O dorso do tigre*. Editora Perspectiva, 1997.

ROSENBAUM, Yudith. *Clarice Lispector*. São Paulo: Publifolha, 2002.

SAFFIOTI, Heleith. *Gênero, patriarcado, violência*. Ministério Público do Estado da Bahia, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. *Esboço para uma teoria das emoções*. Porto Alegre: L&PM, 2012.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Trad. Rita Correia Guedes. Paris: Les Éditions Nagel, 1970.

Submissão: fevereiro de 2025

Aceite: abril de 2025